



Frei Luís de Sousa

ALMEIDA GARRETT

JVA EDITORA

ALMEIDA GARRETT

Frei Luís de Sousa

Primeira publicação: 1844

Edição de domínio público

JVA Editora

[Figura: EDUARDO BRAZÃO, interprete principal de «Frei Luiz de Souza»]

ALMEIDA GARRETT

FREI LUIZ DE SOUSA

DRAMA

Representado, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade particular, no theatro de quinta do Pinheiro em quatro de Julho de MDCCCXLIII

ESCRITORIO DE PUBLICAÇÕES DE FERREIRA DOS SANTOS

Rua de Santa Catharina, 231

PORTO

Imprensa Commercial—Rua da Conceição, 29 a 37

PESSOAS

**MANUEL (FREI LUIZ) DE SOUSA DONA MAGDALENA DE
VILHENA DONA MARIA DE NORONHA FREI JORGE-COUTINHO O
ROMEIRO TELMO-PAES O PRIOR DE BEMFICA O IRMÃO
CONVERSO MIRANDA O ARCEBISPO DE LISBOA DOROTHEA**

CÔRO DE FRADES DE SAN'DOMINGOS

Clerigos do arcebispo, frades, criados, etc.

Logar da scena—Almada.

ACTO PRIMEIRO

Camera antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo dezasette: porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo duas grandes janellas rasgadas, dando para um eirado que olha sôbre o Tejo e de donde se ve toda Lisboa: entre as janellas o retratto, em corpo inteiro, de um cavalleiro môço vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalem. —Defronte e para a bôcca da scena um bufete pequeno coberto de ricco panno de velludo verde franjado de prata; sôbre o bufete alguns livros, obras de tapeçaria meias-feitas, e um vaso da China de collo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretos razos, contadores. Da direita do espectador, porta de communicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior.—É no fim da tarde.

SCENA I

MAGDALENA so, sentada junto á banca, os pés sôbre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sôbre elle, como quem descahiu da leitura na meditação.

**Magdalena*, repettindo machinalmente e de vagar o que acaba de ler.*

«N'aquelle ingano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito...»

Com paz e alegria d'alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema n'este mundo.—E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, póde-se morrer. Mas eu!... (*pausa*) Oh! que o não saiba elle ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar um so momento de toda a immensa felicidade que me dava o seu amor.—Oh que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a descahir em profunda meditação: silencio breve.*)

SCENA II

MAGDALENA, TELMO-PAES

Telmo, *chegando aopé de Magdalena que o não sentiu entrar. A minha senhora está a ler?...*

Magdalena, *despertando. Ah! sois vós, Telmo... Não, ja não leio: ha pouca luz de dia ja; confundia-me a vista.—E é um bonito livro este! o teu valido, aquelle nosso livro, Telmo.*

Telmo, *deitando-lhe os olhos. Oh, oh! Livro para damas—e para cavalleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não ha outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus! Mas esse não tenho eu a consolação de ler, que não sei latim como meu senhor... quero dizer, como o senhor Manuel de Sousa-Coutinho—que lá isso!... acabado escholar é elle. E assim foi seu pae antes d'elle, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas letras e de muito galante prática—e não somenos as outras partes de cavalleiro: uma gravidade!... Ja não ha d'aquella gente.—Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim n'outra lingua, n'uma lingua que a gente... que toda a gente não entende!... confesso-vos que aquelle mercador inglez da rua-Nova, que aqui vem ás vezes,*

tem-me ditto suas cousas que me quadram... E Deus me perdoe! que eu creio que o homem é hereje d'esta seita nova d'Allemanha ou d'Inglaterra. Será?

Magdalena. Olhae, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que... que...

Telmo. Que ja lá vai, que era outro tempo.

Magdalena. Pois sim... (*suspira*) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

Telmo. Não, a senhora D. Maria ja é mais alta.

Magdalena. É verdade, tem crescido de mais, e derepente n'estes dois mezes ultimos...

Telmo. Então! Tem treze annos feitos, é quasi uma senhora, está uma senhora... (*áparte*) Uma senhora aquella... pobre menina!

Magdalena, *com as lagrymas nos olhos*. Es muito amigo d'ella, Telmo?

Telmo. Se sou! Um anjo como aquelle... uma viveza, um espirito!... e então que coração!

Magdalena. Filha da minha alma! (*pausa:—mudando de tom*) Mas olha, meu Telmo, tórno a dizer-t'o: eu não sei como heide fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a... a... a primeira vez—costumei-me a olhar para ti com tal respeito: ja então eras o que hoje es, o escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos.

Telmo, *internecido*. Não digaes mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

Magdalena, *quasi offendida*. Porquê? não es hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possivel? Quitaram-te alguma coisa da confiança,

do respeito—do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória?

Telmo, *áparte*. Terá...

Magdalena. O amigo e camarada antigo de seu pae?

Telmo. Não, minha senhora, não, por certo.

Magdalena. Então?...

Telmo. Nada. Continuae, dizei, minha senhora.

Magdalena. Pois está bem.—Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens... Mas, meu amigo, tu tomáste—e com muito gôsto meu e de seu pae, um ascendente no espirito de Maria... tal que não ouve, não cre, não sabe senão o que lhe dizes. Quasi que es tu a sua donna, a sua aia de criação.—Parece-me... eu sei... não falles com ella d'esse modo, n'essas coisas...

Telmo. O quê? No que me disse o inglez, sôbre a sagrada Escriptura que elles lá teem em sua lingua, e que?...

Magdalena. Sim... n'isso decerto... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua idade, e muitas do seu sexo tambem, que aquella criança está sempre a querer saber, a perguntar.—É a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem ves que não é uma criança... muito... muito forte.

Telmo. É... delgadinha, é. Hade inrijar. É tê-la por aqui, fóra d'aquelles ares apestados de Lisboa; e deixae, que se hade pôr outra.

Magdalena. Filha do meu coração!

Telmo. E do meu.—Pois não se lembra, minha senhora, que ao principio, era uma criança que eu não podia...—é a verdade, não a podia ver: ja sabereis porquê... mas vê-la, era ver... Deus me perdoe!... nem eu sei...—E d'ahi começou-me a crescer, a olhar para

mim com aquelles olhos... a fazer-me taes meiguices, e a fazer-se-me um anjo tal de formosura e de bondade, que—vêdes-me aqui agora que lhe quero mais do que seu pae.

Magdalena, *surrindo*. Isso agora!...

Telmo. Do que vós.

Magdalena, *rindo*. Ora, meu Telmo!

Telmo. Mais, muito mais. E veremos: tenho ca uma coisa que me diz que antes de muito se hade ver quem é que quer mais á nossa menina n'esta casa.

Magdalena, *assustada*. Está bom; não entremos com os teus agouros e prophcias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo'-nos de futuros...

Telmo. Deixemos, que não são bons.

Magdalena. E de passados tambem...

Telmo. Tambem.

Magdalena. E vamos ao que importa agora.—Maria tem uma comprehensão...

Telmo. Comprehende tudo!

Magdalena. Mais do que convem.

Telmo. Ás vezes.

Magdalena. É preciso moderá-la.

Telmo. É o que eu faço.

Magdalena. Não lhe dizer...

Telmo. Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzella honesta e digna de melhor... de melhor.

Magdalena. Melhor quê?